

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM COMUNIDADES DO MOVIMENTO DE ECOVILAS BRASILEIRO

Bruna Santos Bevilacqua¹

Dione Iara Silveira Kitzmann²

Resumo: A proposta deste artigo é analisar a dimensão educacional do conceito ecovilas e do movimento que este inspira a partir da questão de pesquisa sobre quais são os processos educativos ambientais desenvolvidos pelas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro. A partir de fundamentação teórico-conceitual que inclui revisão de literatura e metodologia que se configura como uma abordagem qualitativa composta pela combinação entre pesquisa de campo nas bases de dados virtuais das redes de ecovilas e levantamentos através de questionários virtuais. Os resultados são apresentados por meio de sistematização e mapeamento além de análise.

Palavras-chave: Educação Ambiental Não Formal; Comunidade; Sustentabilidade.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the educational dimension of the ecovillage concept and the movement that it inspires based on the research question about what are the environmental educational processes developed by the communities of the Brazilian ecovillage movement. Based on a theoretical-conceptual foundation that includes a literature review and a methodology that is configured as a qualitative approach composed of a combination of field research in the virtual databases of the ecovillage networks and surveys through virtual questionnaires. The results are presented through systematization and mapping in addition to analysis.

Keywords: Non Formal Environmental Education; Community; Sustainability.

¹Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: bru.bevilacqua@gmail.com,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0678803741365286>

²Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: docdione@furg.br.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2516792001020070>

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 4: 286-306, 2023.

Introdução

Em um contexto de múltiplas crises intensificadas pela pandemia, propomos a investigação sobre iniciativas de transição para sociedades sustentáveis, com enfoque no movimento de ecovilas. Ecovilas são assentamentos humanos sustentáveis caracterizados por serem experiências alternativas de organização socioambiental com processos participativos de tomadas de decisão e de construção coletiva de soluções (ambientais, econômicas e socioculturais). Nesses processos, são levados em consideração os contextos socioculturais e as características biorregionais, além da sustentabilidade em todas as suas dimensões, desenvolvendo modos de viver comunitários autogestionários.

De acordo com diferentes autores, as ecovilas podem ser vistas como *“uma das diversas respostas possíveis à crise civilizatória da atualidade”* (SIQUEIRA, 2012, p. 185) e *“lugares para se construir soluções possíveis para os problemas do nosso tempo”* (COMUNELLO, 2015, p. 1762). Além de serem *“experimentos sociais de um futuro sustentável”* (KUNZE, 2012, p. 51); *“exemplos na criação de outros modos de habitar o planeta”* (MATTOS, 2017, p. 20); e *“criadoras de uma cultura alternativa em relação aos modos de agir e pensar da sociedade de consumo”* (ROYSEN, 2020, p. 305).

Há autores que destacam seu caráter experimental, caracterizando-as como: *“laboratórios de novos modelos de assentamentos humanos”* (CAPELLO, 2013, n.p.); *“laboratório de gestão sustentável”* (SANTOS, 2019, p. 20); *“um verdadeiro laboratório, buscando a combinação de um ambiente acolhedor para o desenvolvimento humano e um estilo de vida com menor impacto à natureza”* (SIQUEIRA, 2017, p. 231); *“laboratórios vivos, comunidades da práxis, que estão criando e experimentando novas formas de vida e relacionamento, proporcionando, ao mesmo tempo, qualidade de vida e baixo impacto ambiental”* (MATTOS, 2017, p. 20).

Então, *“longe de serem uma resposta milagrosa a evidentes problemas sociais e ambientais da nossa época, as ecovilas propõem uma reflexão sobre a nossa forma de habitar o planeta”* (SATYAN, 2017, p. 230). Dias e Loureiro (2017, p. 2) afirmam que *“ações concretas de construção de alternativas societárias sustentáveis podem trazer importantes elementos”* e, dentre elas, destacam as ecovilas. Para Sales, Esmeraldo e Lima (2021, p. 155), ecovilas são *“experiências de sustentabilidade que estão sendo vivenciadas e precisam ser reconhecidas e legitimadas”*.

Portanto, a ideia aqui não é defender o modelo das ecovilas como um caminho a ser seguido por toda sociedade ou como solução única a todos os problemas socioambientais. Propomos estudar e aprender com a experiência desse movimento social que, invés de protestar contra a ordem existente, busca construir alternativas (DIAS et al., 2017), sendo considerado contra-hegemônico (MORAES, 2019) e de resistência (ROYSEN, 2020; SALES; ESMERALDO; LIMA, 2021). Além disso, precisamos pensar e discutir todas as alternativas possíveis que podem colaborar para a transição paradigmática cultural e ambiental.

Então, assumindo que a experiência em princípios e práticas sustentáveis está na base da organização e da dinâmica das ecovilas, e considerando que a investigação científica sobre as mesmas enfocada em educação e Educação Ambiental encontra-se ainda pouco explorada, delineamos uma metodologia para investigar sua dimensão educacional.

Justificativa

As ecovilas despertam interesse em leigos e cientistas de diferentes áreas do conhecimento (WAGNER, 2012) e, nesta perspectiva, tornam-se um amplo campo de investigação (KUNZE, 2012). Arruda (2018, p. 105), através de um estudo sobre o Estado da Arte da pesquisa em ecovilas no Brasil, concluiu que *“a ciência brasileira sobre ecovilas é recente e multidisciplinar, com frentes de estudos já abertas em vinte Grandes Áreas do Conhecimento, predominantemente em Arquitetura e Urbanismo”*. Tal resultado condiz com o encontrado por Santos (2019, p. 33) através de levantamento bibliométrico, que constatou uma tendência crescente nas publicações científicas sobre ecovilas no Brasil, também com predomínio da área de Arquitetura e Urbanismo. A autora também afirma que *“apesar de a produção acadêmica em português sobre o tema ainda ser recente, indica uma área bastante promissora que não para de se multiplicar”* (SANTOS, 2019, p. 72). Arruda (2018) afirma que a ciência brasileira de ecovilas está em construção e observa a necessidade de maior articulação entre estudiosos de diferentes formações profissionais que se dedicam ao tema das ecovilas para sua efetiva consolidação no contexto científico.

Através da realização de revisão de literatura, constatamos que são raros e recentes os estudos que enfocam educação e/ou Educação Ambiental em comunidades que se identificam como ecovilas no Brasil. Então, observamos uma lacuna e oportunidade de pesquisa sobre a dimensão educacional do conceito ecovilas e do movimento que este inspira. Por isso, propomos uma pesquisa de âmbito nacional para gerar um panorama sobre educação e Educação Ambiental nas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro, através da coleta de informações que possam ser sistematizadas e compartilhadas entre as comunidades e suas redes e também difundidas para a sociedade de forma mais ampla, demonstrando sua dimensão educacional. Pretendemos assim abrir uma frente de diálogo interdisciplinar a partir da Educação Ambiental e contribuir com futuras pesquisas sobre o mesmo objeto de estudo e com a consolidação do mesmo no campo científico no país.

Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa é analisar criticamente a dimensão educacional do conceito ecovilas e do movimento que este inspira.

Para cumprir tal tarefa, foram elencados os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar exemplos de processos educativos e/ou educativos ambientais nas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro;
2. Comparar os processos de Educação Ambiental desenvolvidos em algumas dessas comunidades;
3. Avaliar as possibilidades e desafios da Educação Ambiental nesse contexto.

Fundamentação teórico-conceitual

Revisão de literatura

Através de revisão de literatura realizada entre o segundo semestre de 2021 e o primeiro semestre de 2022 consultando os seguintes Bancos de Dados e Repositórios: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – FURG; Scientific Electronic Library Online (SciELO); e Google Acadêmico, e fazendo uso variado dos descritores “ecovila”, “ecovilas”, “educação”, “Educação Ambiental”, “comunidade”, “comunidades”, “comunidade intencional”, “comunidades intencionais” e “assentamentos humanos sustentáveis”, constatamos que são raros e recentes os estudos sobre educação e/ou Educação Ambiental em ecovilas no Brasil, encontrando apenas quatro (em 71) pesquisas (Tabela 1). Observamos que a maior parte dos estudos sobre ecovilas e comunidades sustentáveis no Brasil se concentra nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, assim como constatado por Arruda (2018) e Santos (2019).

Tabela 1: Quantidade de pesquisas sobre ecovilas/comunidades sustentáveis por área

Área	Específica	Quantidade	Frequência (%)
Administração		6	8,5
Arquitetura e Urbanismo	Arquitetura	11	15,5
	Urbanismo		
Artes Cênicas		1	1,4
Antropologia	Social	4	5,6
Ciências	Ambientais	7	9,9
	Ambientais e Conservação		
	Humanas		
	Sociais		
	e Tecnologias Ambientais		
Comunicação	Jornalismo	2	2,8
Desenvolvimento	e Meio Ambiente	5	7,0
	Regional e Urbano		
	Sustentável		

Continua...

...continuação.

Área	Específica	Quantidade	Frequência (%)
Ecologia		1	1,4
Economia	Doméstica	3	4,2
Educação	Ambiental	4	5,6
	Contemporânea		
	Escolar		
Energia		1	1,4
Engenharia	Ambiental	6	8,5
	Civil		
	Urbana		
Geografia	Humana	3	4,2
Gestão	Ambiental	5	7,0
	de Políticas Públicas		
	do Agronegócio		
	Empresarial		
	Urbana		
Psicologia	Social	2	2,8
Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social		3	4,2
Serviço Social		1	1,4
Sustentabilidade		1	1,4
Tecnologia		1	1,4
Turismo	Cultura e Turismo	4	5,6
	Ecoturismo		
Total		71	~100

Fonte: Autoria própria (2022).

A quantidade de pesquisas encontradas por data de publicação está representada graficamente na Figura 1. Assim como Arruda (2018), observamos que a ciência de ecovilas no Brasil é recente, tendo 20 anos de publicações científicas, e que está em evolução, sendo que a maioria das pesquisas desenvolvidas foram publicadas no período entre 2008 e 2018.

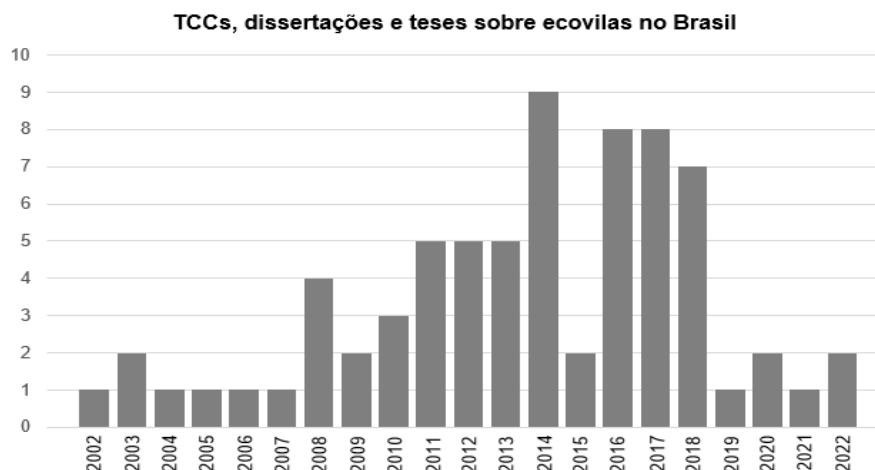


Figura 2: Representação gráfica das pesquisas sobre ecovilas por ano.

Fonte: Autoria própria (2022).

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 4: 286-306, 2023.

Ecovilas

Apesar das dificuldades de conceituação em um movimento marcado por pluralidades, Dawson (2015, p. 34-35) reúne as cinco características que são compartilhadas por todas as ecovilas:

1. Primazia pela comunidade: a ecovila é, possivelmente mais do que tudo, uma resposta a alienação e solidão provocadas pela conjuntura social moderna. Ela vem preencher uma forte necessidade de reconexão entre os indivíduos em uma comunidade com significado, tornando seus membros úteis e valorizados em uma sociedade de escala humana;
2. Iniciativas cidadãs, autossuficientes: ao menos inicialmente em recursos, inventividade e visão dos próprios membros da comunidade;
3. Busca pela retomada do controle dos seus próprios recursos e de seus destinos;
4. Forte núcleo de valores compartilhados entre os membros – algumas ecovilas referem-se a isto como "espiritualidade";
5. Atuação como centros de pesquisa e treinamento, cada uma no seu próprio campo de competência e prática.

Destacamos o último item que descreve como característica das ecovilas a atuação como centros de pesquisa e treinamento, colocando em evidência sua dimensão educacional.

Capello (2013), sobre os cinco pilares das ecovilas, detalha que “o último ponto comum ao universo das ecovilas recai sobre o desejo (e vocação natural) de constituírem-se como centros de pesquisa, educação, demonstração e/ou treinamento de técnicas e práticas sustentáveis”.

Movimento de ecovilas

As ecovilas têm sido cada vez menos vistas como fenômenos isolados, mas como parte crescente de um todo maior, ou seja, uma comunidade de comunidades que, interconectadas em redes, se unem partindo do engajamento comunitário para fazer frente aos desafios globais (MATTOS, 2017). E o movimento de ecovilas - cujo foco inicial era criar práticas sustentáveis locais a nível individual e comunitário - cada vez mais se expressa globalmente, “ao mesmo tempo em que estão construindo comunidades locais sustentáveis, constituem uma rede global para a educação e transformação social” (MATTOS, 2017, p. 25) e cuja “ênfase está na responsabilidade individual e no empoderamento para a ação conjunta” (MATTOS, 2017, p. 25).

Em 1995, na Conferência sobre Ecovilas e Comunidades Sustentáveis: Modelos para o Século XXI realizada na Ecovila de Findhorn, foi criada a Rede Global de Ecovilas (*Global Ecovillage Network* - GEN, na sigla em inglês), uma confederação mundial de comunidades que se encontram com o objetivo de

compartilhar novas ideias e tecnologias e desenvolver intercâmbios culturais e educacionais.

Como pode ser observado no lado direito da Figura 2, a GEN é composta por seis redes continentais, chamadas de regiões: a norte-americana GENNA, a africana GEN AFRICA, a europeia GEN EUROPE, a oceânica e asiática GENOA, e a latina CASA (*Consejo de Asentamientos Sustentables de América Latina*), além da NextGEN, a Rede de Jovens, que é transversal às outras. A Rede CASA Latina, por sua vez, é composta por redes nacionais (lado esquerdo da Figura 2), dentre elas o Conselho de Assentamentos Sustentáveis Brasileiro (Rede CASA Brasil), também conhecida como a rede brasileira de ecovilas.

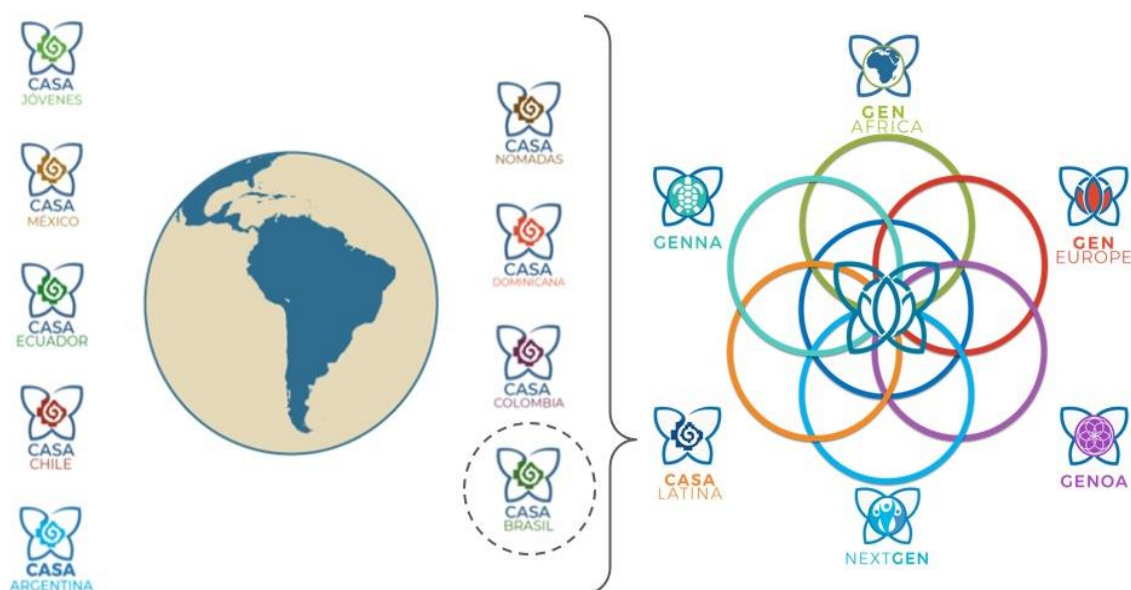


Figura 2: Redes nacionais da Rede CASA Latina e Redes continentais da Rede Global de Ecovilas. **Fonte:** Autoria própria (2022), adaptado de CASA Latina (2020) e GEN (2021).

Ecovilas no Brasil e no mundo

É difícil estimar precisamente o número de ecovilas existentes e ativas no mundo, pois não são todas cadastradas nas redes e muitas delas não possuem presença virtual ativa. Mattos (2017) estimou que há em torno de 15.000 iniciativas pelo mundo. Nas Figuras 3 e 4 encontram-se os mapeamentos das comunidades cadastradas nas redes brasileira e global, respectivamente. No Brasil, observamos um maior número de comunidades cadastradas na rede brasileira do que na global. Isso pode ser explicado pelo fato de que as redes dependem do cadastramento voluntário das comunidades e que elas, ao fazerem parte da rede nacional, não obrigatoriamente têm de fazer parte das outras redes, sendo uma questão de opção das mesmas.



Figura 3: Mapeamento das comunidades cadastradas na Rede CASA Brasil.
Fonte: Adaptado de CASA Brasil (2022).

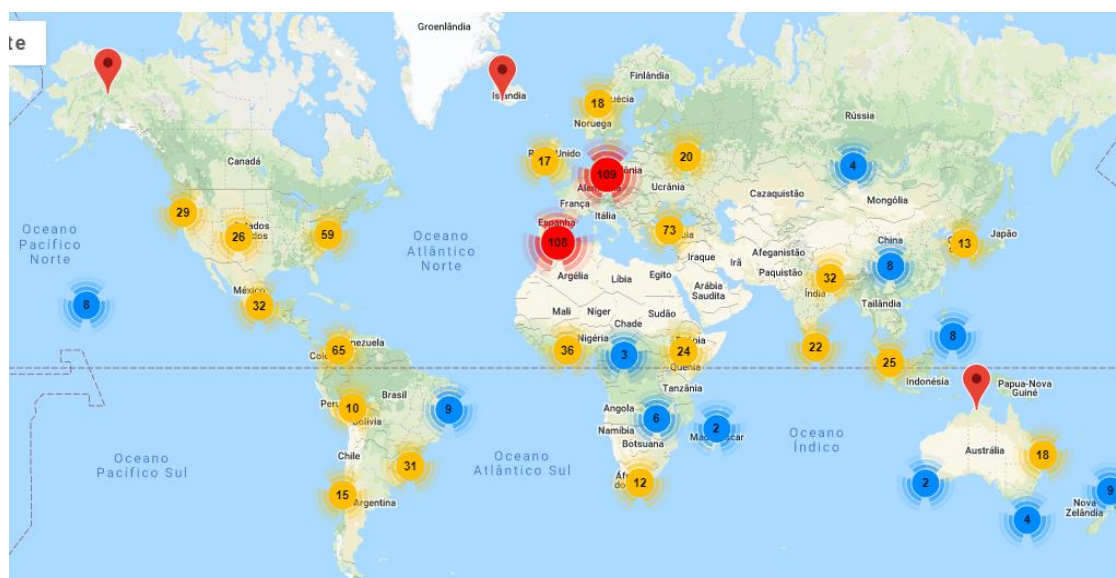


Figura 4: Mapeamento das comunidades cadastradas na GEN.
Fonte: Adaptado de GEN (2021).

Aproximação entre ecovilas e Educação Ambiental

A partir de revisão de literatura e da coleta de menções à educação e/ou EA em algumas das pesquisas encontradas de outras áreas do conhecimento, mas em que esses são temas discutidos em algum ponto, ainda que não sejam os principais, realizamos uma aproximação entre ecovilas e Educação Ambiental.

De acordo com Capra (2002), pensar outros modelos de assentamentos humanos é tarefa urgente e não apenas necessária para o futuro. Segundo o autor, o estudo e aplicação do modelo das ecovilas não é somente para ecologistas: o modelo deve ser apresentado às pessoas de forma sistêmica, numa metodologia não linear, para gerar assim uma massa crítica e um ponto de transição.

Dias et al. (2017) afirmam que a influência das ecovilas na sociedade parece vir se dando principalmente pela difusão de ideias e práticas alternativas, muitas de caráter educativo.

Comunello (2015, p. 1762) diz que “a intenção de serem lugares para o aprendizado de um modo de viver em maior harmonia com a natureza coloca essas comunidades como espaços férteis para que possamos nos perguntar sobre como aprendemos ‘modos de vida sustentáveis’”. Além disso:

Cada uma descobrirá à sua maneira caminhos para disseminar suas experiências a um público maior, caminhos que possa expandir suas fronteiras e abranger moradores de outra regiões, interessados em aprender e conhecer novos horizontes de possibilidades. Este, aliás, é um aspecto das ecovilas que costuma funcionar muito bem como gerador de trabalho e renda para seus moradores (CAPELLO, 2013, n. p.)

Sagnori (2017, p. 207-208), sobre a ecovila em que vive, relata que *“além do trabalho de gestão ambiental que desenvolvemos na comunidade, oferecemos também programas de formação técnica em permacultura e vida em comunidade”* e que, dessa forma, sua experiência, ativa no cotidiano da comunidade, oferece o aporte técnico e conceitual para aplicar esses conhecimentos em outros contextos.

Segundo Leal (2015), o trabalho com a educação é fundamental nas ecovilas, pois a estruturação de todas suas práticas ambientais é aprendida para serem feitas em coletividade, bem como ensinadas para quem busca aprendizagens com as ecovilas. A autora afirma que:

Nas ecovilas, as dimensões educação, gestão e o desenvolvimento local se dá em conectividade e complementaridade, tendo diversos aspectos de convergência que revelam contextos de interdependência entre si para

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 4: 286-306, 2023.

desenvolvimento de cada uma. A vivência, convivência e construção de comunidades intencionais conduz ao desenvolvimento da cidadania coletiva (LEAL, 2015, p. 3).

E conclui que entender a relação das práticas educativas e de gestão das ecovilas possibilita o aprendizado e diálogos com diversos modelos que podem avançar em suas relações.

Arruda (2018, p. 173) aponta como principal característica comum entre as ecovilas *“a construção de espaços de demonstração, aprendizagem e troca, abertos para a participação de novos membros e voluntários interessados em vivenciar e multiplicar a experiência ecológica como modo de viver”*.

Roysen (2020, p. 300) também afirma que “muitas comunidades e ecovilas, de fato, tendem a se tornar centros educativos, oferecendo hospedagem, cursos e vivências” (ROYSEN, 2020, p. 300), e conclui que:

as ecovilas podem ter um papel a desempenhar nesse projeto de Educação Ambiental para a corresponsabilidade, para a criação de novos valores e novas formas de vida. Não só pelo conhecimento ecológico que têm desenvolvido, mas, sobretudo, por seu caráter vivencial, comunitário, democrático, engajado e solidário, favorável portanto a uma coeducação.

Valverde (2020, p. 224) inclui Educação Ambiental como uma das atividades das ecovilas:

Além de considerar construções de baixo impacto, agricultura orgânica/produção verde, uso racional de energia e água, fontes de energia alternativas, práticas de fortalecimento de comunidade e Educação Ambiental, nota-se a adoção de estilos de vida que seguem os ritmos da natureza, pautando-se em ciclos, sejam estes das estações, das energias ou de nutrientes.

Sales, Esmeraldo e Lima (2021, p. 160) verificaram empiricamente que “frequentemente, novos e antigos moradores põem em prática seus conhecimentos e suas habilidades através da facilitação de cursos e vivências” numa ecovila investigada. Num esforço indutivo, concluem:

A imersão no universo das ecovilas implica vivenciar rotinas e hábitos não convencionais, o que sugere reconsiderações e até desconstrução de antigos padrões (insustentáveis) de vida. Essas experiências de sustentabilidade têm a potencialidade de influenciar profundamente a vida de quem as vivencia (SALES; ESMERALDO; LIMA, 2021, p. 165).

Os autores também afirmam que os participantes de um determinado tipo de imersão na ecovila onde realizaram estudo de caso relatam mudanças significativas em suas vidas após a imersão.

Roysen (2020, p. 300) fundamenta que a ecovila onde realizou estudo de caso durante sua pesquisa de campo é “um espaço de grande potencial reeducativo, tanto para seus membros quanto para visitantes”, pois:

Ela oferece uma vivência participativa e integral em uma busca por alternativas de vida, relacionamento, consumo, felicidade, etc.; podendo se tornar, assim, um centro ativo de Educação Ambiental. Educação que não se limita à transferência de informações, mas sim como um espaço de diálogo, reflexão e criação (conjunta) de alternativas para os problemas socioambientais (ROYSEN, 2020, p. 300-301).

Mattos (2017) discorre sobre como as ecovilas criam um ambiente favorável para o desenvolvimento pessoal e comunitário, estimulando o aprendizado de novas habilidades e o engajamento social na construção de uma nova forma de vida, e destaca que:

Seu método é o da experimentação, ou seja, as Ecovilas funcionam como verdadeiros laboratórios, criando e testando ferramentas, metodologias e tecnologias para viabilizar uma forma de vida mais integrada e menos impactante, além de serem espaços de demonstração, e oferecerem diversos programas para a conscientização, capacitação e difusão dessas novas práticas e princípios (MATTOS, 2017, p. 22-23).

Isso vai ao encontro com o achado por Comunello (2015, p. 1766-1767), que a partir de sua pesquisa de campo sobre educação/aprendizagem/modos de aprender em ecovilas, afirma que “trata-se de um lugar de experimentação e aprendizagem, onde se aprende na medida em que se experimenta – aprender fazendo”. Complementarmente:

O caminho da “aprendizagem baseada em projeto” utilizado por muitas Ecovilas se resume no reconhecimento de cada uma das quatro dimensões da sustentabilidade – social, ecológica, econômica, cultural (visão de mundo) – integradas pelo processo de projeto participativo e aplicável em qualquer nível de sistema, desde um indivíduo, uma organização, uma comunidade internacional, uma vila tradicional, um bairro urbano, até uma região, etc. também é aplicável em situações econômicas ou sociais distintas, ao reconhecer as experiências, métodos e ferramentas relevantes, identificadas localmente, e colocando-as em contato com outras experiências compartilhadas em rede (ROCHA, 2017, p. 233).

Ou seja, a abordagem sistêmica da sustentabilidade em ecovilas se dá também pela escalabilidade em que seus princípios e práticas socioambientais sustentáveis podem ser aplicados. Portanto, essas comunidades e seu movimento apresentam potencialidades no desenvolvimento de processos de “Educação Ambiental, enquanto mediadora de processos que levem a modos de vida mais compatíveis com as necessidades humanas e com a capacidade de regeneração do planeta” (PINHEIRO, KITZMANN, 2015), já que articulam conhecimentos, atitudes e valores, envolvendo a participação individual em processos coletivos, trabalhando desde a perspectiva local até a global.

Metodologia

A metodologia se configura como uma abordagem qualitativa baseada em Minayo (1992; 2002), e é composta pela combinação entre pesquisa de campo nas bases de dados virtuais das redes de ecovilas para levantamento das comunidades brasileiras cadastradas nas mesmas para envio dos questionários para coleta de dados. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 53933821.8.0000.5324.

Questionários

O instrumento de coleta de dados foi elaborado como formulário virtual com *Google Forms* (disponível em: <https://forms.gle/NCVSRxq5kVMTGJd16>) e está composto por questões fechadas e abertas nas seguintes seções: 1) Título: “Pesquisa sobre Educação Ambiental nas ecovilas brasileiras” e texto apresentando e convidando para participação na pesquisa, e também link de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); 2) 7 questões sobre o participante da pesquisa; 3) 5 questões sobre a comunidade em nome da qual está participando; e 4) 10 questões sobre a Educação na comunidade.

Resultados

Sistematização e mapeamento

Através de pesquisa na base de dados virtuais da Rede CASA Brasil e da GEN - e cruzando os mesmos para excluir o duplo registro das comunidades cadastradas em ambas (que foram 13) - encontramos 109 comunidades distribuídas por 16 estados brasileiros mais o Distrito Federal.

Então, partindo dessa amostra inicial de comunidades e por meio de consulta aos sites e redes sociais de cada uma delas, encontramos o desenvolvimento de processos educativos em 77 delas, ou seja, na maioria das comunidades. E entre elas, encontramos processos de EA desenvolvidos em 48 comunidades, como demonstrado graficamente na Figura 5 e mapeado na Figura 6 com *Google My Maps*.

Comunidades que apresentam processos educativos

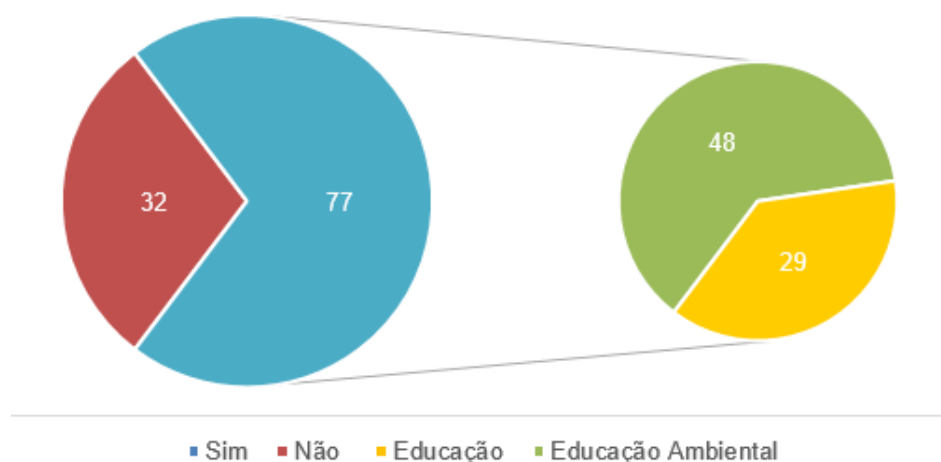


Figura 5: Representação gráfica das comunidades que apresentam processos educativos.
Fonte: Autoria própria (2022).

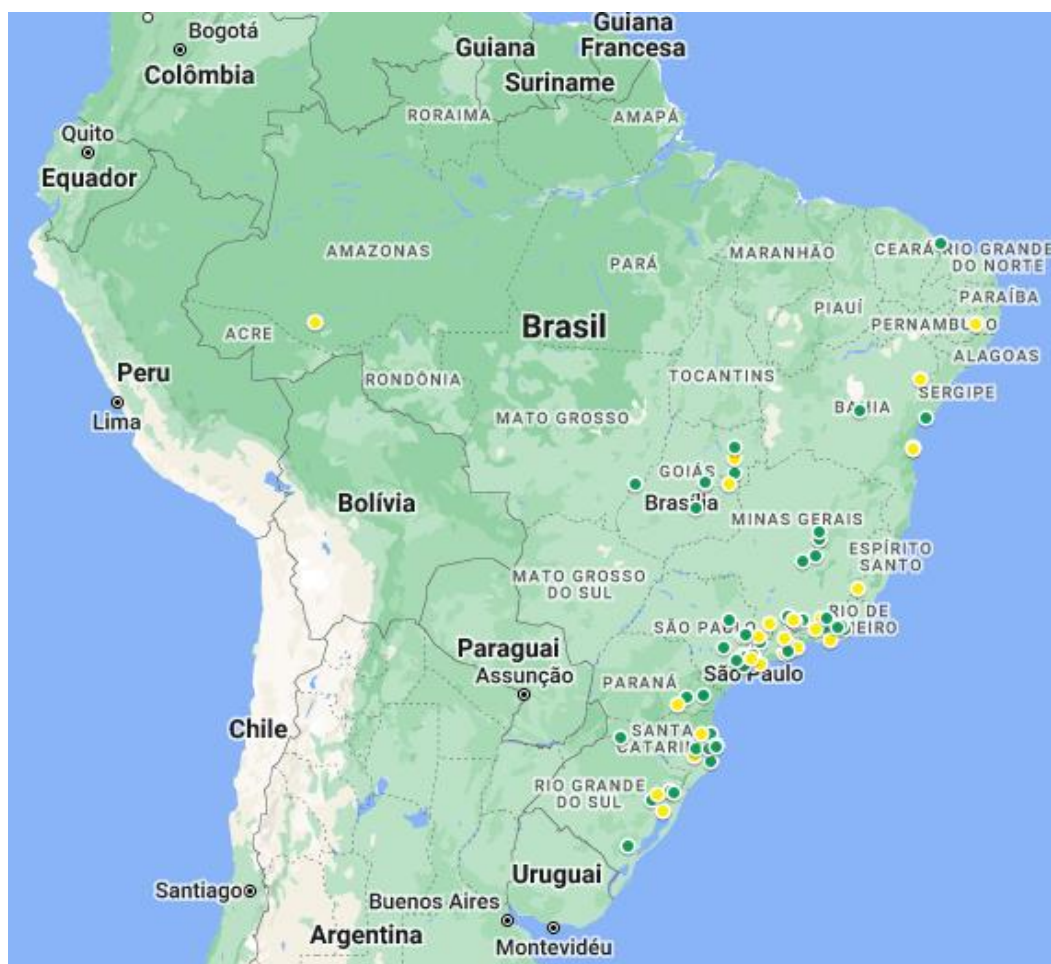


Figura 6: Mapeamento dos processos educativos (em amarelo) e/ou de Educação Ambiental (em verde) nas comunidades brasileiras cadastradas nas redes nacional e global de ecovilas.

Fonte: Autoria própria (2022). Disponível para acesso em: <https://abrir.link/4i146>.

Comunidades participantes da pesquisa

Convidamos as comunidades nas quais identificamos processos educativos e/ou de EA para participarem da pesquisa através do preenchimento do instrumento de coleta de dados questionário. Então, obtivemos respostas de seis comunidades, sendo três do sudeste, uma do centro-oeste, uma do nordeste e uma do sul, respectivamente: Instituto Terra Luminous (ITL), Ecovila El Nagual (EEN), Vila das Borboletas (VDB), Ecovila da Lagoa (EDL), Ecovila Vraja Dhama (EVD) e Instituto Arca Verde (IAV). Portanto, contamos com a representação de uma comunidade por região geográfica do país (com exceção da região norte, o que pode se justificar por ser a região que conta com menos cadastros nas redes – apenas dois). Sendo assim, a amostra pode ser considerada ilustrativa porém não representativa do movimento de ecovilas brasileiro.

Observamos que metade das comunidades participantes está cadastrada tanto na Rede CASA Brasil quanto na GEN (ITL, EEN e IAV), enquanto duas estão cadastradas apenas na rede brasileira (EDL e EVD) e uma está cadastrada apenas na rede global de ecovilas (VDB), como representado no esquema da Figura 7.



Figura 7: Esquematização das redes de ecovilas nas quais as comunidades participantes estão cadastradas.

Fonte: Autoria própria (2022).

Entre as seis comunidades participantes, duas têm menos de 10 anos (ITL e VDB), duas têm entre 10 e 20 anos (EDL e IAV) e duas têm mais de 30 anos (EEN e EVD), como demonstrado na representação gráfica da Figura 8, portanto compondo uma amostra variada de tempos de existência de comunidades.

Tempo de existência das comunidades



Figura 8: Representação gráfica do tempo de existência das comunidades.

Fonte: Autoria própria (2022).

Quanto ao número de moradores, há de se fazer a observação de que esse tipo de comunidades se caracteriza por apresentar populações muito variáveis com o tempo, mas no momento da participação na pesquisa, declararam que tinham entre 2 e 15 moradores, como demonstrado na representação gráfica da Figura 9.

Número de moradores nas comunidades

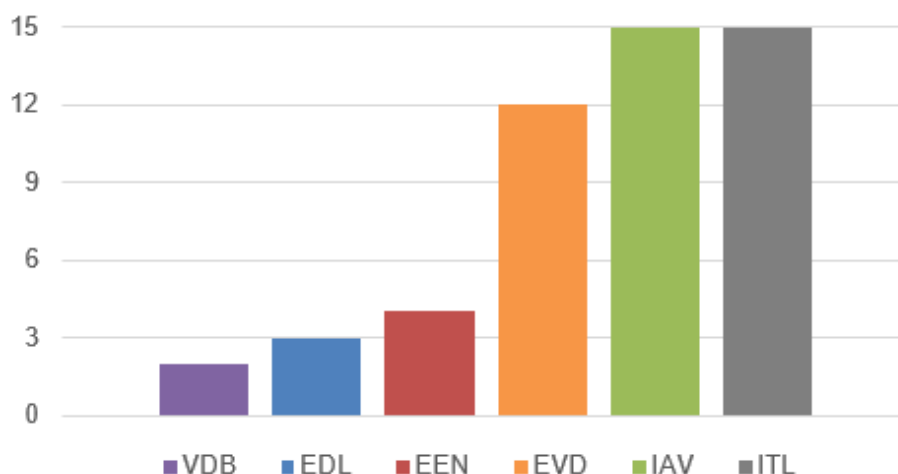


Figura 9: Representação gráfica do número de moradores nas comunidades.

Fonte: Autoria própria (2022).

Sobre os processos educativos desenvolvidos nas comunidades participantes

Como demonstrado na representação gráfica da Figura 10, todas as comunidades participantes apresentam processos educativos dos tipos: cursos, oficinas, vivências e voluntariado (a única que não assinalou essa opção, foi uma que chama a vivência de voluntariado, por isso podemos fazer essa

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 4: 286-306, 2023.

inferência). É interessante observar que metade delas relata desenvolver também processos de pesquisa. E uma delas adicionou uma opção (já que o questionário permitia tal função) de práticas relacionadas à espiritualidade.

Tipos de processos educativos desenvolvidas nas comunidades

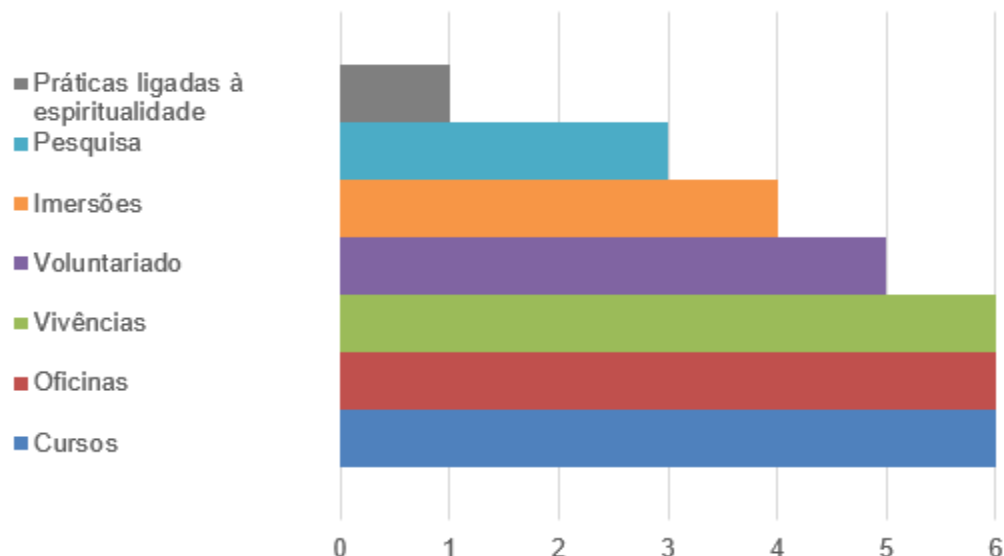


Figura 10: Representação gráfica dos tipos de processos educativos desenvolvidos.

Fonte: Autoria própria (2022).

Quanto às temáticas desses processos educativos, todas as comunidades desenvolvem práticas de conexão com a natureza enquanto apenas uma assinalou Yoga (EVD), como pode ser observado na representação gráfica da Figura 11.

Temáticas dos processos educativos desenvolvidos nas comunidades

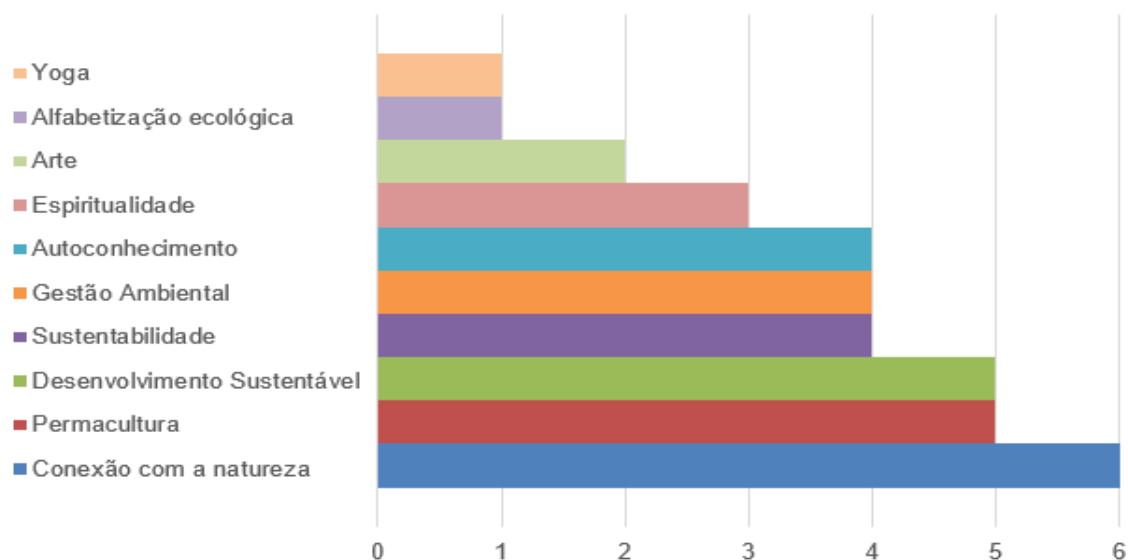


Figura 11: Representação gráfica das temáticas dos processos educativos desenvolvidos.

Fonte: Autoria própria (2022).

Antes, durante e depois da pandemia

Na Figura 12 podem ser observados quantos visitantes as comunidades relataram que recebiam anualmente em média antes da pandemia para participarem de seus processos educativos.

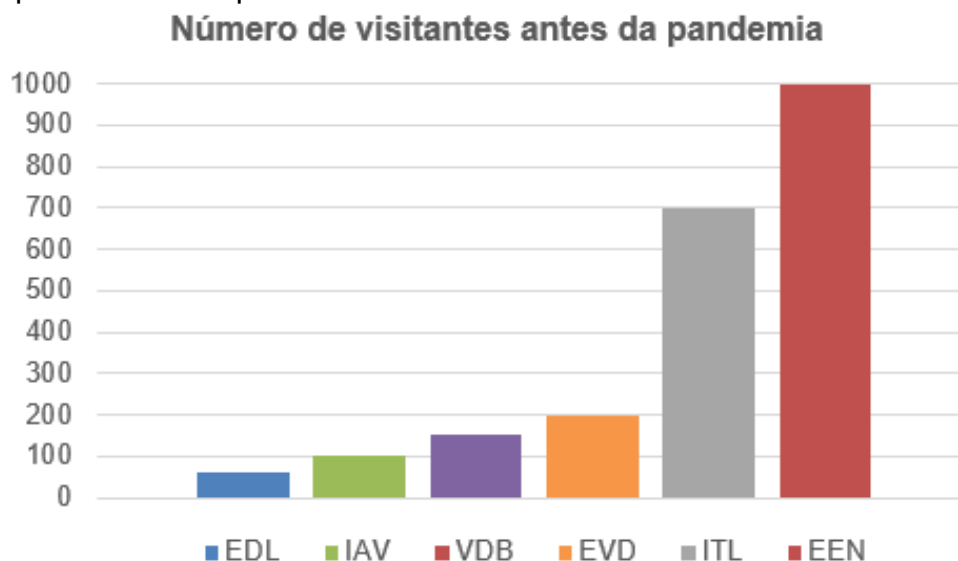


Figura 12: Representação gráfica do número de visitantes antes da pandemia.

Fonte: Autoria própria (2022).

Todas as comunidades participantes relataram que deixaram de oferecer qualquer tipo de atividade educativa durante a pandemia. E, enquanto a maioria pretende voltar com suas atividades educativas totalmente ao presencial, apenas uma comunidade (EVD) relatou que pretende atuar de forma híbrida, oferecendo atividades presenciais e virtuais.

Possibilidades e desafios da Educação Ambiental nesse contexto

Todas as comunidades relataram planos para expandir suas atividades educativas, entre eles:

- “A curto prazo, envolver a escola municipal em oficinas de gestão de resíduos e cuidados com as águas, incluindo a implantação de um ECOPonto e de um sistema ecológico de tratamento de efluentes. A médio prazo, criar uma escola livre para crianças” (ITL);
- “Pretendemos integrar a comunidade local (Nosso lema é “Comunidades sem Porteira”) e também oferecer maneiras de inspirar as pessoas do meio urbano em como levar tais princípios espirituais e ecológicos em suas casas” (EVD);
- “Estamos em fase de finalização de um documento para buscar investidores para dar escala ao MOHS” (EDL);
- “Conseguir estabilidade financeira e encontrar pessoas que queiram colaborar” (VDB); e
- “Criar fundo para Educação Ambiental via doações ou crowdfunding” (EEN).

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 4: 286-306, 2023.

De acordo com as respostas das comunidades, seus principais desafios e dificuldades no desenvolvimento dos processos educativos são relativos a: crise econômica e financiamento para custear bolsas, oficinas gratuitas e com valores mais acessíveis (ITL); falta de apoio do estado e município (EDL); falta de fundos econômicos de escolas municipais e estaduais para pagar os custos de passar o dia na comunidade (EEN); estabilidade financeira e gestão de pessoas (VDB); encontrar parcerias com profissionais no ramo da Permacultura e cultivo orgânico que satisfaçam as características do local e que tenham abordagens práticas (EVD); expandir o alcance do trabalho e infraestrutura (IAV), além de dificuldade de deslocamento de e para as mesmas dependendo de suas localizações por vezes de difícil acesso, sendo consideradas isoladas e/ou remotas e também preconceito que sofrem por parte da população em seus entornos por serem consideradas comunidades alternativas hippies e/ou utópicas.

Conclusões

Os resultados demonstram que as ecovilas, de maneira mais autônoma, como laboratórios, e também coletivamente, como movimento, educam ambientalmente através do compartilhamento de suas experiências em princípios e práticas sustentáveis, entre comunidades e destas com a sociedade, por meio da oferta de cursos, oficinas, visitas, retiros e vivências, com destaque para voluntariado, pois além de serem processos de Educação Ambiental e de imersão na vida em comunidade, também são essenciais para a manutenção e continuidade das mesmas.

Os processos educativos desenvolvidos nas comunidades pesquisadas têm temáticas de práticas de conexão com a natureza e ligadas à espiritualidade e filosofia de vida, autoconhecimento, arte, alfabetização ecológica, agroecologia, agrofloresta/SAF, bioconstrução, Desenvolvimento Sustentável, ecoturismo, Gestão Ambiental, permacultura, sustentabilidade e tecnologias sociais como sociocracia e CNV, além de yoga. Portanto, além de serem exemplos e experimentos de modos de vida alternativos demonstrando como não são utópicos, mas reais e possíveis, essas comunidades também apresentam a potencialidade de serem centros de Educação Ambiental para sustentabilidade em todas as suas dimensões e iniciativas de transição para sociedades sustentáveis. Além de constituírem um amplo campo de pesquisa para futuros estudos sobre relações entre EA e cada um dos enfoques encontrados, como por exemplo arte e EA.

Portanto, os processos educativos desenvolvidos nessas comunidades podem potencializar ações individuais e coletivas na perspectiva educadora ambiental da transformação individual à mudança social. A abordagem sistêmica da sustentabilidade do movimento de ecovilas se dá também pela escalabilidade em que seus princípios e práticas socioambientais sustentáveis podem ser aplicados. Assim, as comunidades do movimento de ecovilas apresentam potencialidades no desenvolvimento de processos de Educação

Ambiental, já que articulam conhecimentos, atitudes e valores, envolvendo a participação individual em processos coletivos, trabalhando desde a perspectiva local até a global.

Ressaltamos como um dos aspectos mais relevante desta pesquisa a importância das redes de ecovilas na conexão entre as comunidades e delas com a sociedade, demonstrando como são potencializadas enquanto coletivo, uma verdadeira “comunidade de comunidades”, através da organização dos bancos de dados virtuais disponibilizados e divulgados possibilitando que qualquer pessoa identifique as comunidades, localizando e caracterizando minimamente seus perfis, programas e ações, podendo entrar em contato, ir conhecê-las e experimentar essas comunidades de aprendizagem.

Aproveitamos para finalizar fazendo um convite ao leitor para que se aventure em busca dessas informações e, se despertar seu interesse, programe-se para esse intercâmbio de experiências em uma ou mais dessa diversidade de possibilidades no desenvolvimento de processos educativos ambientais para conhecer na prática esses laboratórios de sustentabilidade, modos de vida alternativos e iniciativas de transição para sociedades sustentáveis.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro à pesquisa; à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), por tornar possível o mestrado da primeira autora; às redes brasileira, latina e global de ecovilas pelo apoio na realização da pesquisa.

Referências

ARRUDA, B. M. 2018. 203f. O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

CAPELLO, G. **Meio Ambiente & Ecovilas**. São Paulo: Editora Senac, 2013. *E-book*.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**: ciência para uma vida sustentável. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CASA BRASIL. **Conselho de Assentamentos Sustentáveis Brasileiro**. Disponível em: <<https://www.redecasabrasil.org/assentamentos-sustentaveis>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CASA LATINA. **Consejo de Assentamientos Sustentables de América Latina**. Disponível em: <<https://redcasalatina.org/>>. Acesso em: 30 set. 2021.

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 4: 286-306, 2023.

COMUNELLO, L. N. Educação Ambiental em Ecovilas: uma etnografia sobre aprendizagem. **Ambientalmente Sustentável**, v. 02, n. 20, p. 1759-1780, 2015.

DAWSON, J. **Ecovillages**: New Frontiers for Sustainability. Bristol: Green Books, 2015. *E-book*.

DIAS, M. A.; LOUREIRO, C. F.; CHEVITARESE, L.; SOUZA, C. de M. Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XX, n. 3, p. 81-98, 2017.

DIAS, M. A.; LOUREIRO, C. F. Educação Ambiental na experiência das ecovilas – integrando as dimensões da sustentabilidade. IX EPEA - **Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 1-13, ago. 2017.

GEN. **Global Ecovillage Network**. Disponível em: <<https://ecovillage.org/projects/map/>>. Acesso em: 23 set. 2021.

KUNZE, I. Social Innovations for Communal and Ecological Living: Lessons from Sustainability Research and Observations in Intentional Communities. **Communal Societies Journal** of the Communal Studies Association, Amana, v. 32, n. 1, 2012.

LAYRARGUES, P.P.; LIMA, G.F.C. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil. **Anais do VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental: a pesquisa em Educação Ambiental e a pós-graduação**. Ribeirão Preto, v. 0. p. 01-15, 2011.

LEAL, P. L. As práticas educativas e de gestão das ecovilas. IX Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. **Educon**, Aracaju, v. 09, n. 01, p.1-4, 2015.

MATTOS, T. P. Ecovilas: Tecendo a Cultura Regenerativa *In*: MAJEROWICZ, I.; TOGASHI, R.; VALLE, I. (Orgs.). **Ecovilas Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 20-27.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. *In*: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MORAES, B. E. **Educação Ambiental Desde Baixo**: O cotidiano das comunidades utópicas. Curitiba: Appris, 2019. *E-book*.

PINHEIRO, A. E.; KITZMANN, D. I. S. O perfil da Educação Ambiental desenvolvida no Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES): Estudo de Caso sobre o Núcleo Operacional São Gabriel. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 10, n 2, p; 228-248, 2015.

ROCHA, H. F. M. O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistências socioecológica em projetos urbanos. 2017. 315 f. **Tese** (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ROYSEN, R.. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Alto Paraíso: [s.n.], 2020. *E-book*.

SAGNORI, M. Vida em Comunidade e as Florestas. *In*: MAJEROWICZ, I.; TOGASHI, R.; VALLE, I. (Orgs.). **Ecovilas Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 206-209.

SALES, C. B.; ESMERALDO, G. G. S. L.; LIMA, M. A. Ecovila: uma nova forma de (con)viver. **Rede** – Revista Eletrônica do PRODEMA, Fortaleza, Brasil, v. 15, n 1, p. 151-167, 2021.

SANTOS, L. L. R. Gestão sustentável de ecovilas: uma análise crítico-interpretativa. 2019. 94 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências e Tecnologias Ambientais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Universidade Federal do Sul da Bahia.

SATYAN, A. Um Novo Mundo é Possível, Necessário e já está Acontecendo. *In*: MAJEROWICZ, I.; TOGASHI, R.; VALLE, I. (Orgs.). **Ecovilas Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 230-233.

SIQUEIRA, G. de M. V. Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteiras do campo de estudo. 2012. 217 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Centro Socioeconômico – Universidade Federal de Santa Catarina.

SIQUEIRA, G. de M. V. As Ecovilas de Sucesso do Brasil. *In*: MAJEROWICZ, I.; TOGASHI, R.; VALLE, I. (Orgs.). **Ecovilas Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 44-49.

VALVERDE, J. V. de L. Afinal, o que são ecovilas? Em busca de uma definição. *In*: **Arquitetura e Urbanismo**: Abordagem Abrangente e Polivalente 2 – Capítulo 14, p. 219-232, 2020.

WAGNER, F. Ecovillage Research Review. *In*: ANDREAS, M.; WAGNER, F. (Eds.). **Realizing Utopia**: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches. RCC Perspectives, n. 8, p. 81-94, 2012.